



FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES: POSSIBILIDADES CULTURAIS, ESTÉTICAS E TRANSFORMADORAS

POLIANA CUSTÓDIO DINIZ

RESUMO

O trabalho de Poliana Custódio Diniz explora as potencialidades e desafios da formação continuada de educadores, destacando um projeto implementado em uma escola de Minas Gerais ao longo de quatro anos. Esse projeto, denominado Jornada Cultural, foca no letramento cultural e estético dos educadores, proporcionando viagens culturais anuais que visam ampliar suas experiências e fortalecer o senso de pertencimento. O objetivo é tratar o educador como um sujeito integral, além da sala de aula, promovendo um ambiente de aprendizado contínuo e reflexivo. A metodologia do projeto inclui diversas atividades, como grupos de estudo, seminários, rodas de conversa, saraus e palestras, envolvendo não apenas professores, mas todos os colaboradores da instituição, e ocasionalmente, os pais. As viagens culturais já realizadas incluem destinos como São Paulo, Belo Horizonte, Cidade de Goiás, Brasília e Chapada dos Veadeiros. Essas viagens têm como objetivo sensibilizar os educadores para a apreciação da arte e cultura, fortalecendo a construção de vínculos e a percepção crítica e reflexiva. Os resultados apontam que cerca de 140 profissionais participaram do projeto, visitando mais de 13 museus e outras atrações culturais. Os depoimentos dos participantes confirmam a eficácia da Jornada Cultural em ampliar repertórios e promover um olhar mais sensível e crítico sobre a realidade. A conclusão destaca a importância de ir além das formações técnicas, promovendo experiências que transformem a prática educativa de maneira inovadora e significativa.

Palavras-chave: Formação; Educadores; Letramento; Estético; Jornada Cultural.

1 INTRODUÇÃO

Muitos são os dados que apontam as limitações e engessamentos que se dão na formação inicial do educador. Mas, também muitos estudos apontam o quanto a Formação Continuada pode ser a chave para qualificação e protagonismo destes profissionais. Ana M. Machado, em “5 Atitudes pela Educação”, destaca a relevância da liderança pedagógica na formação continuada dos educadores. Um dos princípios básicos para esta formação é a construção de um espaço dialógico entre pares que não se restrinja, ou ao menos não deveria se restringir, ao aspecto teórico ou informativo; é fundamental que estes programas legitimem espaços reflexivos de trocas para que as problematizações sejam pautadas em situações cotidianas, no contexto no qual o educar esteja inserido. Sabe-se ainda que, além das discussões e possíveis soluções de caráter teórico-prático, projetos de Formação Continuada ainda possibilitam a construção de pertencimentos. Sentir-se parte de um grupo fortalece individualidades para a construção coletiva. Como diria Carol Campo (Vozes da Educação) em uma de suas recentes palestras no evento Bett Educar (abril de 2024): a escola deve promover segurança psicológica, social e acadêmica para todos os seus atores, inclusive os professores. Sendo assim, o pertencimento ganha um lugar de destaque para uma boa atuação pedagógica.

Diante da sobrecarga do professor e de uma crescente desvalorização da classe, como

contribuir com sua prática e ao mesmo tempo acolher suas questões? Este relato, embora não traga respostas, desvenda possibilidades, às vezes ousadas, com resultados subjetivos e não necessariamente imediatos.

Toda e qualquer escola promove, ou já promoveu, viagens pedagógicas com seus estudantes. Por que não viabilizar viagens também com seus educadores? Por que não a escola se assume como agente que desperta o interesse de seus educadores por destinos culturais, que contam sobre nossa história, nossa arte, nossa identidade? Numa perspectiva mais ampla, a escola assume, portanto, seu papel na produção de conhecimento na comunidade escolar.

Tratar dados que apontam sobre os desafios quanto à formação do educador não são suficientes para gerar mudanças, mas servem de inspiração para ações concretas e talvez, por que não, pouco óbvias, é possível ressignificar a forma como pensamos a formação continuada. Problemas complexos requerem ações complexas. Este relato compartilha uma possibilidade de atuação quanto a esta temática. Não é sobre inspirações, mas sobre provocações para um fazer transformador.

A presente publicação busca compartilhar reflexões acerca das potencialidades da Formação Continuada, relatando uma experiência que tem se fortalecido nos últimos anos. Neste projeto, os professores participam de viagens culturais, ampliando suas vivências artísticas e estéticas e contribuindo na construção de vínculos entre o grupo, fortalecendo, assim, o senso de pertencimento. Inspirados pelas ideias de Paulo Freire sobre a importância da autonomia e da reflexão crítica, buscamos criar um ambiente de aprendizado contínuo que vá além da sala de aula e integre a formação do educador enquanto sujeito ativo na transformação da sociedade.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O projeto está em andamento nas cidades de Araxá-MG, Uberaba-MG e Uberlândia-MG, região do Triângulo Mineiro, iniciativa de uma instituição privada de educação que atua com alunos da Educação Infantil a cursos preparatórios em 07 unidades escolares. Esta instituição desenvolveu nos últimos anos um Programa de Formação Continuada com diferentes eixos de atuação. Destaca-se aqui os grupos de estudo, seminários de práticas compartilhadas, rodas de conversa, saraus, palestras, entre outros. É necessário ressaltar que este Programa atende aos diversos atores da comunidade escolar, sendo que as ações de formação não se restringem aos professores, incluindo os demais colaboradores, e, eventualmente, também envolvem os pais.

Dentre as diversas frentes de atuação deste Programa, o presente artigo tratará pontualmente da Jornada Cultural, projeto que legitima algumas potencialidades inerentes ao fazer educativo. Formar sujeitos críticos e reflexivos retrata, com certeza, objetivos de diversas instituições educacionais, especialmente nas últimas décadas. Entretanto, para construção destes sujeitos, é fundamental que os educadores à frente deste processo educativo, também sejam críticos e reflexivos. Nesse sentido, nasce a intenção da escola em proporcionar experiências diversas aos seus educadores, entre elas, as viagens culturais. Vale ressaltar que, quando se pensa nos educadores de uma instituição, entende-se que todos que ali atuam são educadores, não apenas os professores em sala de aula. Essa reflexão dialoga com contribuições de diversos autores os quais, inclusive, tratam dos diversos espaços escolares como potencialmente educativos.

Portanto, quando se planeja a formação continuada é preciso considerar os diversos educadores que compõem o quadro escolar; incluindo equipe de coordenação, inspetores de pátio, monitores e até mesmo a direção: todos estão em formação, pois “somos seres inacabados”, como dizia Paulo Freire. A Jornada Cultural acontece por meio de viagens organizadas anualmente pela gestão pedagógica da instituição. No primeiro ano, o destino foi

São Paulo-SP: além das visitas aos Museus, o grupo visitou o Mercado Municipal e prestigiou a Bienal de Arte Contemporânea. Aqui, vale ressaltar que antes da visita foi feita uma roda de conversa com o grupo, no bucólico cenário do Parque Ibirapuera. Trechos do livro “O Diário do Oprimido” de Augusto Boal foram lidos e serviram de base para a discussão entre o grupo. O objetivo desse momento foi sensibilizar as pessoas para a apreciação da arte contemporânea, que muitas vezes gera estranhamento e inquietação. Segundo Boal, “Arte é a maneira de ver, não a coisa vista”.

Nesta viagem, ainda assistimos à peça de teatro “A Ópera do Carnaval”, que encerrou o roteiro com muita emoção. Vale ressaltar que nessa primeira viagem, para despertar o engajamento do grupo, a instituição assumiu grande parte dos custos.

O segundo destino foi Belo Horizonte-MG, com visita a diversos museus, à igreja São Francisco de Assis às margens da Lagoa da Pampulha e ao Mercado Municipal. O grande diferencial deste roteiro foi a visita a Inhotim, o maior museu a céu aberto da América Latina. Essa imersão na arte contemporânea possibilitou o despertar para uma percepção mais subjetiva quanto a obras artísticas. Nesta segunda viagem, partindo da experiência bem sucedida da primeira, o grupo já tinha a expectativa de participar. A partir de então a escola assume apenas a organização da viagem, condições de pagamento favoráveis aos seus profissionais e o deslocamento complementar dos colaboradores, além de alguns mimos, como o lanche de bordo carinhoso e personalizado entregue nas partidas.

No ano seguinte, o destino foi Cidade de Goiás-GO, além dos Museus e da arquitetura colonial, destaca-se o contato com a obra de Cora Coralina: conhecer sua casa, sua história de vida e suas obras foi, sem dúvida, um estímulo para a apreciação literária. Como formar bons leitores sem que seus educadores não os sejam?

O quarto destino, o qual foi realizado em agosto deste ano (2024), traz um roteiro ainda mais ousado: além da visita em Brasília-DF (plano piloto e museus), o grupo realizou trilhas pelo Parque Estadual da Chapada dos Veadeiros-GO. O contato com a vegetação, o relevo e o clima tão específicos do bioma cerrado têm o potencial de despertar a consciência ambiental. As relações com a natureza criam conexões para uma atuação mais sensível na sociedade. Parques destinados à proteção ambiental despertam, ainda, possíveis discussões sobre políticas públicas e a importância de ações de preservação e sustentabilidade.

O caminho trilhado para o fomento a este Projeto de Formação foi criar condições e investimento para que a primeira viagem acontecesse: houve um amplo processo de divulgação, além do pagamento quase integral dos custos por parte da instituição. Considerando que a viagem foi um sucesso e reverberou muito positivamente entre os demais profissionais, gerou-se a expectativa nas pessoas de participar das próximas viagens. Aos poucos, essa ação tem se tornado parte da identidade dessa instituição educacional.

Segundo Augusto Boal, “A arte é a maneira de ver, não a coisa vista”. Essa perspectiva ressalta a importância da experiência estética na formação continuada dos educadores, ressaltando a importância da experiência estética na formação continuada dos educadores. Desse modo, uma informação importante sobre essa ação diz respeito aos registros gerados, assim como a escola solicita aos estudantes o Diário de Bordo das viagens pedagógicas realizadas, nossos educadores também fazem anotações sobre as visitas conforme um roteiro previamente disponibilizado por ferramenta digital, considerando a importância da sistematização das informações na consolidação das vivências e do conhecimento adquirido. Dentre os registros gerados, muitos depoimentos confirmam que de fato, a Jornada Cultural é um projeto transformador.



Fonte:arquivo interno,
São Paulo-SP, 2021



Fonte: arquivo interno,
Inhotim-MG, 2022



Fonte: arquivo interno,
Cidade de Goiás-GO,
2023



Fonte: arquivo interno
Veadeiros-GO



Fonte: arquivo interno Chapada dos
Brasília-DF



Fonte:arquivo interno Chapada dos Veadeiros-GO

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos 04 anos, cerca de 140 profissionais desta instituição educacional já participaram da Jornada Cultural; mais de 13 Museus visitados até o momento, além de mercados municipais, ícones da identidade brasileira, e, ainda, a incrível experiência de assistir a uma peça de teatro de grande primor musical e densidade histórica. Antonio C.

Costa, em sua obra 'Aventura Pedagógica', destaca a importância de experiências desafiadoras no processo formativo dos educadores. O que fica evidente nos registros feitos nos Diários de Bordo, com dados e depoimentos que legitimam a potência transformadora desse projeto. “O que mais te chamou atenção nessa viagem?” pergunta-se em um dos Diários de Bordo:

“A possibilidade de conhecer os Museus que são referência em cultura e arte, os quais ainda não conhecia, além da satisfação de passar um tempo maior com a equipe, conversar, estreitar laços, o que acredito ser de grande valia para o sucesso do trabalho em grupo.” Depoimento de uma professora após visitar São Paulo em 2021

O projeto possibilita promover aos educadores a ampliação de repertório, que passa contar com novas referências artísticas e estéticas. Para que ações mais profundas e criativas sejam implementadas no cotidiano escolar, faz-se necessário sair do óbvio e da superficialidade. Para construção do senso crítico, é necessária uma boa leitura de mundo, como dizia Terezinha Guerra, isso não diz respeito exclusivamente à leitura de livros:

*“Com toda certeza, não lemos só o que está nos livros embora, em hipótese alguma devamos abrir mão deles! A não “alfabetização” nos códigos chamados não verbais é também uma forma de exclusão. A educação para a compreensão das manifestações não verbais contribui, de forma inequívoca, para o **letramento**, para a ampliação do olhar sobre si próprio, sobre o outro, para a leitura de mundo e das inúmeras culturas, construindo um olhar mais sensível, crítico, questionador e transformador da sociedade naquilo que se faz mais urgente. Aos **professores** resta lembrar que a palavra ensinar vem de “ensignare”, que significa apontar signos...”*
Maria Terezinha Guerra

4 CONCLUSÃO

Quando um Programa de Formação Continuada parte do entendimento de que seus coordenadores, professores, monitores e demais colaboradores possuem, de fato, um potencial para transformar micros, ou quem sabe, macros realidades, entende-se que é necessário ir além das formações de caráter técnico. Um educador em sua potência e inquietações, não deve apenas decodificar signos da realidade sociocultural que atravessa em seu cotidiano, mas compreendê-los de modo crítico, reflexivo e questionador. Sem a consciência do seu papel transformador, muitas vezes sua atuação se perde no trefismo burocrático inerente às instituições escolares e na velha conhecida “transmissão de conteúdo”. Mas diante de tanta sobrecarga atribuída aos profissionais da educação, é preciso mesmo assumir mais esse papel? Transformar talvez não seja sobre fazer algo a mais, mas fazer de um jeito diferente.

REFERÊNCIAS

BOAL. Augusto. O Teatro Como Arte Marcial. 1ª edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

COSTA, Antonio C. Aventura Pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa. 2ª edição. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 33ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACHADO, Ana M. 5 atitudes pela educação: Orientações para coordenadores pedagógicos. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2014.